

The background of the page is a dense, close-up photograph of numerous skeins of white yarn. The skeins are piled together, creating a complex, textured pattern of loops and strands. The lighting is soft and even, highlighting the fine texture of the wool or cotton fibers. The overall color palette is monochromatic, consisting of various shades of off-white and light gray.

O que se perde no fundo do mundo

por GÉSSICA GOES

Na vegetação de clima árido de um pequeno e pobre povoado se passa a história de *Kenoma*, de 1998, primeiro longa-metragem dirigido por **Eliane Caffé**. Conhecemos o lugar através dos passos de Jonas (Enrique Díaz), um homem que anda à beira da estrada pedindo carona. Ele é guiado até a cidade de Kenoma por uma mulher de bicicleta, que depois descobre se tratar de uma moradora. Desde o primeiro encontro percebe-se uma atração entre os dois.

O primeiro ambiente nos apresentado é o bar do vilarejo, onde já é mostrado o tom de desesperança sobre o lugar através de uma frase de um dos habitantes para Jonas: “daqui não tem passagem não, homem, aqui é o fundo do mundo”. O viajante não deixa claro qual o seu objetivo em Kenoma, dando a impressão de que ele está a caminhar a esmo, passando sem planejamento por vários lugares esperando encontrar algo mesmo sem saber o que procura. Ainda no bar, Jonas tem contato com duas personagens importantes para a narrativa: Lineu (José Dumont), um morador com um sonho para a cidade: construir uma máquina de movimento contínuo, que funcione sozinha, na qual vem trabalhando por 20 anos sem sucesso, e Gerônimo (Jonas Bloch), o dono do moinho em que Lineu mantém sua máquina. Este, que voltou ao vilarejo após passar um tempo em uma cidade grande, pretende instaurar o progresso no lugar e um de seus objetivos é tirar a grande máquina de Lineu do moinho para usá-lo como um depósito de sementes. Ainda que a terra

de Kenoma pareça infértil, Gerônimo age como se a terra devesse algo a ele e conta com uma grande safra e, claro, lucro.

O que esses três homens têm em comum é a busca por algo nesse vilarejo que exala falta de esperança e, talvez por isso, a história deles se cruza durante a narrativa: Jonas acaba ajudando Lineu na construção da máquina, mesmo sem entender para que ela serve, para conseguir dinheiro, e Gerônimo tenta fazer com que o teimoso Lineu tire de vez sua máquina do moinho.

Entre a história protagonizada por homens, há a mulher que Jonas encontrou no início. Tari (Mariana Lima) é filha de Lineu, cuida da casa, ensina crianças e idosos a escrever e está costurando um vestido igual ao que sua mãe (que foi embora quando a menina era criança) usa em uma antiga fotografia. Ela parece ser a razão do filme. Não tem objetivos utópicos e não está perdida, sabe o que está fazendo mesmo que seja algo aparentemente simples como confeccionar um vestido. Tari e Jonas acabam ficando mais próximos, mas têm um envolvimento que não passa de um beijo. Jonas se deixou levar pelo sonho de Lineu e a máquina se tornou uma vontade dele também, mesmo que no fundo ele ache impossível que esta trabalhe sozinha. Ele não sabe o que quer, mas Tari sim. Quando seu vestido fica pronto ela tem tudo que precisa e, na escuridão da noite, ela parte vestindo a peça, assim como sua mãe. Sem se despedir e sem exigir de Kenoma algo que a cidade não pode dar.

Tari se vai e o tempo acaba: Gerônimo quer seu moinho e está disposto a retirar a máquina de sua propriedade. Numa última tentativa de fazê-la funcionar, Lineu acaba sendo ferido por sua criação. Jonas tem um importante papel no desfecho do filme, pois é ele o responsável por fazer Lineu acreditar, antes de morrer, que sua invenção deu certo, logo antes de ela desmoronar. Lineu perde a vida, Gerônimo perde o amigo de longa data e Jonas volta à estrada em que se aventurava no início do filme após ter perdido a chance de encontrar em Tari o que procurava. Não sabemos o destino de Tari, mas certamente ela não tinha nada a perder no fundo do mundo.

por GÉSSICA GOES